

# Duas contribuições do método freudiano de interpretação dos sonhos para uma teoria clínica em psicanálise<sup>1</sup>

Lisiane Molina Leffa<sup>2</sup>

Resenha do texto:

FREUD, Sigmund. (1900). O método de interpretação dos sonhos: a análise de uma amostra onírica. In: FREUD, S. **A interpretação dos sonhos**. Tradução: Renato Zwick. Porto Alegre: L&PM, 2019. p. 117-142

No ensaio “O método de interpretação dos sonhos: a análise de uma amostra onírica”, que integra o trabalho *A interpretação dos sonhos* (1900), Sigmund Freud (1856-1939) apresenta ideias e formula argumentos em defesa de um novo método científico. Nesse texto, Freud apresenta uma leitura psicanalítica dos sonhos, demonstrando o funcionamento de uma metodologia analítica a partir de um sonho próprio. Ele coloca em destaque uma dimensão singular presente no significado e no sentido dos sonhos, diferente do entendimento que existia até então.

Nesse segundo capítulo de *A interpretação dos sonhos*, à medida que descreve suas pesquisas sobre essa temática, retomando a leitura

---

1 Trabalho apresentado como requisito parcial para a conclusão de seminários do primeiro ano do curso de Teoria e Clínica Psicanalítica do Centro de Estudos Psicanalíticos de Porto Alegre (CEPdePA), em 2020.

2 Psicanalista, membro provisório do CEPdePA; mestra em Psicanálise Clínica e Cultura pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2019).

de outros autores, Freud apresenta ao leitor uma posição psicanalítica sobre a interpretação dos sonhos. Para isso, ele pondera sobre as pesquisas acerca da temática que estavam inscritas na cultura de seu tempo. Já no primeiro parágrafo, é possível reconhecer a afirmação da singularidade defendida pelo psicanalista:

Com a hipótese de que os sonhos são interpretáveis, entro de imediato em contradição com a teoria dos sonhos dominante e, na verdade, com todas as teorias do sonho exceto a de Scherner, pois “interpretar um sonho” significa indicar seu sentido, substituí-lo por alguma coisa que se encaixe como um elo de mesmo peso e de mesmo valor no encadeamento de nossas ações psíquicas (FREUD, 1900, p. 117).

Com essa defesa, o autor indica que o seu “novo método de interpretação dos sonhos” está relacionado à atribuição de um sentido e a um encadeamento das ações psíquicas. Nesta perspectiva, considerando a “opinião dos leigos” que “parece supor que o sonho tem um sentido – ainda que oculto”, e “que a sua finalidade é substituir um outro processo de pensamento que se trata apenas de descobrir acertadamente esse substituto para chegar ao significado oculto do sonho” (FREUD, 1900, p. 117), e adensando elementos para esta conversa, o psicanalista nos apresenta dois métodos conhecidos popularmente até então: (1) “a interpretação simbólica dos sonhos”, que “tem em vista o conteúdo onírico como um todo e procura substituí-lo por um outro conteúdo, compreensível e em certo sentido análogo” (FREUD, 1900, p. 118); e (2) o “método de decifração”, que “trata o sonho como uma espécie de escrita cifrada em que cada signo é traduzido por outro de significado conhecido de acordo com uma chave fixa” (FREUD, 1900, p. 119). Aqui, Freud tenta complexificar o tema da interpretação dos sonhos para fazer ver a sua inscrição no campo cien-

tífico. Nesse sentido, ele destaca uma variação que retira esse segundo método da qualidade de “tradução puramente mecânica” (FREUD, 1900, p. 119), variação essa que ele encontrou na obra de Artemidoro de Daldis. Ele escreve:

Nessa obra, não se leva em conta apenas o conteúdo onírico, e sim também a pessoa e suas condições de vida, de modo que o mesmo elemento onírico não tem para o rico, o casado ou o orador o mesmo significado que para o pobre, o solteiro ou, por exemplo, o comerciante. O essencial nesse procedimento é que o trabalho interpretativo não é dirigido à totalidade do sonho, e sim a cada parte isolada do conteúdo onírico, como se o sonho fosse um conglomerado em que cada fragmento de rocha exigisse uma análise particular (FREUD, 1900, p. 120).

Com esses elementos presentes na cultura de sua época e com o registro de sua experiência clínica, Freud constata que o sonho é um ato psíquico presente na cadeia associativa, semelhante às características dos sintomas psíquicos. Ele diz que reconheceu esse processo em seus estudos psicanalíticos devido ao seu interesse por “certas formações psicopatológicas”, às contribuições de Breuer e à constatação de que, “se conseguirmos explicar uma dessas representações patológicas pelos elementos dos quais se originou na vida psíquica do paciente, ela se desintegra, e ele se liberta dela” (FREUD, 1900, p. 121). O autor constata que uma revelação de sentido e/ou significado pode estar presente na interpretação dos sonhos, e o seu entendimento pode favorecer a modificação de um estado patológico, assim como a figuração de um sintoma. Essa parece ser uma justificativa de Freud para seu interesse científico no tema da interpretação dos sonhos; trata-se de uma questão levantada em sua pesquisa clínica.

Foi ouvindo os relatos dos sonhos de alguns pacientes – apresentados após os analisandos terem sido solicitados a comunicar suas “ideias e pensamentos a propósito de um determinado tema” (FREUD, 1900, p. 122) – que Freud se deu conta da importância dos sonhos no encadeamento da ação psíquica. Dessa maneira, os pacientes “ensinaram” a Freud que os sonhos “podem ser inseridos no encadeamento psíquico a ser seguido retrospectivamente na memória a partir de uma ideia patológica” (FREUD, 1900, p. 122). Nesse sentido, o sonho apresentaria a figuração de um sintoma, de modo que “[...] era natural tratar o próprio sonho como um sintoma e aplicar-lhe o método de interpretação elaborado para os sintomas” (FREUD, 1900, p. 122).

Nesse ponto, parece haver uma apresentação do que posteriormente se formaliza como “regra da associação livre”, na medida em que o psicanalista solicita ao paciente que comunique ideias e pensamentos relativos a determinado tema. E há também a noção de “preparação psíquica” (FREUD, 1900, p. 122), que ele esclarece na sequência do texto. Segundo sua apresentação, seria importante dizer ao paciente que

[...] o êxito da psicanálise depende de ele levar tudo em conta e comunicar o que lhe vai pela mente, sem se deixar levar a reprimir ideias porque lhe parecem sem importância ou desligadas do tema ou ainda absurdas. Ele deve se comportar de maneira inteiramente imparcial em relação a suas ideias; pois, caso não consiga encontrar a solução que busca para o sonho, a ideia obsessiva etc., a responsável por isso será justamente a crítica (FREUD, 1900, p. 122).

Com esta perspectiva, Freud demonstra uma relação entre o estado de vigília e o estado de crítica que inviabiliza o fluxo de pensamentos associativos que poderiam iluminar o caminho para o sentido dos sintomas, procurando desenvolver um método que diminua a inten-

sidade de crítica (ou censura). Isto se evidencia na reflexão que segue, a partir da qual Freud apresenta diferenças na disposição psíquica de uma posição reflexiva para uma posição de auto-observador. Destacando a dimensão da crítica, ele diz:

Em ambos os casos deve haver uma concentração da atenção, mas a pessoa que reflete também exerce uma crítica devido à qual rejeita uma parte das ideias que lhe surgem depois de tê-las percebido; interrompe outras imediatamente, de modo que não segue os caminhos de pensamento que elas abriam; e, quanto a outras ainda, sabe se comportar de tal maneira que elas de forma alguma se tornam conscientes, ou seja, são reprimidas antes de sua percepção (FREUD, 1900, p. 122-123).

A partir dessa explicação, Freud (1900, p. 123) apresenta um argumento metapsicológico relativo à possibilidade de interpretação “tanto das ideias patológicas quanto das formações oníricas”. Esse argumento se apresenta quando o psicanalista indica que se trata “de produzir um estado psíquico que tem em comum com o estado que precede o adormecer [...] uma certa analogia na divisão da energia psíquica (da atenção móvel)” (FREUD, 1900, p. 123). Ele esclarece:

Durante o adormecer, as “representações involuntárias” vêm ao primeiro plano pela redução de uma certa atividade voluntária (e com certeza também crítica) que deixamos agir sobre o fluxo de nossas representações; como motivo dessa redução costumamos alegar “cansaço”; as representações involuntárias que surgem se transformam em imagens acústicas e visuais [...]. No estado que utilizamos para a análise dos sonhos e das ideias patológicas, renunciamos intencional e voluntariamente a essa

atividade, e empregamos a energia psíquica poupada (ou uma parte dela) na observação atenta dos pensamentos involuntários que então surgem e que conservam seu caráter de representações (essa é a diferença em relação ao estado de adormecimento). Assim, transformamos as representações “involuntárias” em “voluntárias” (FREUD, 1900, p. 123, grifo do autor).

Em seguida, com uma citação de Friedrich Schiller, Freud (1900) apresenta o que parece ser um argumento filosófico para a futura regra da associação livre, incluindo uma observação sobre a produção poética e a sua qualidade criadora enquanto processo que tende a considerar um fluxo associativo. Com isso, Freud (1900, p. 123) reflete sobre o argumento empregado: “essa ‘suspensão da vigilância dos portões do entendimento’, como a denomina Schiller, esse colocar-se no estado de auto-observação destituído de crítica, de forma alguma é difícil”. Adensando seu argumento, o psicanalista comenta a “facilidade” que percebe após instruir seus pacientes a realizar essa suspensão; nota também a abertura para fazer emergir o pensamento mais afastado do estado de vigília.

Nesse ponto do texto, Freud (1900, p. 124) indica uma metodologia, oferecendo instruções sobre uma “aplicação deste procedimento”. Ele diz:

O primeiro passo na aplicação desse procedimento ensina que não se deve tomar o sonho inteiro como objeto de atenção, mas apenas partes isoladas de seu conteúdo. Se eu perguntar ao paciente ainda sem prática o que lhe vem à mente acerca de um sonho, em geral ele não consegue aprender nada em seu campo de visão intelectual. Preciso lhe mostrar o sonho em partes, e então ele me apresenta uma série de ideias a propósito dessa parcela

onírica. Portanto, já nessa primeira e importante condição, o método por mim praticado se afasta do método popular, histórica e lendariamente famoso, da interpretação mediante o simbolismo, e se aproxima do segundo, o “método de decifração”. Como este, ele é uma interpretação *en détail*, e não *en masse*; como este, ele toma o sonho desde o princípio como algo composto, como um conglomerado de formações psíquicas (FREUD, 1900, p. 125).

Na atualidade de seu pensamento, podemos considerar que o “conglomerado de formações psíquicas” a que se refere Freud (1900, p. 125) tem a ver com os processos de condensação e deslocamento das imagens presentes nas figurações oníricas, assim como das demais imagens do pensamento, permeadas de inscrição pulsional, tanto na qualidade estética de registro de memória perceptiva como no sentido atribuído à nova imagem do pensamento, derivada do processo associativo. Ainda que o *método freudiano de interpretação* não tenha sido formulado nessa fase do pensamento do autor, podemos considerar que esse é outro argumento metapsicológico para tal método.

Por considerar a dimensão singular da autoria do sonho e para demonstrar o argumento na prática, como aparece em sua clínica, Freud convida o leitor a mergulhar com ele nos detalhes de sua vida, na leitura de um sonho dele próprio. Levando em conta a profundidade do tema e o esforço exigido por essa tarefa, o psicanalista convoca o leitor a entrar num estado de atenção profunda, “pois semelhante transferência é exigida de maneira imperiosa pelo interesse no significado oculto dos sonhos” (FREUD, 1900, p. 127). Assim, estruturando a proposição apresentada até o momento, Freud mostra em sequência três itens que ele considera necessários à “interpretação dos sonhos”: (1) a informação preliminar, (2) o sonho e (3) a análise.

A informação preliminar diz respeito a elementos e fatos que antecipam o momento do sonho. Além de descrever fatos que acontece-

ram em sua vida, Freud evidencia sua percepção desses fatos. Podemos inferir que há relação entre a imagem onírica e a imagem perceptual condensada nos fatos descritos, como no comentário que o autor faz na sequência do relato do fato:

Sei que as palavras de meu amigo Otto, ou o tom em que foram ditas, me incomodaram. Acreditei perceber nelas uma censura, como se eu tivesse prometido demais à paciente, e – com ou sem razão – atribuí a suposta tomada de partido de Otto contra mim a influência dos familiares da paciente, que, como supunha, nunca tinham visto meu tratamento com bons olhos (FREUD, 1900, p. 127).

Freud (1900, p. 127-128) segue explicando como se sentiu:

De resto, minha sensação desagradável não me ficou clara, e também não lhe dei qualquer expressão. Na mesma noite ainda redigi o histórico clínico de Irma para, numa espécie de autojustificação, repassá-lo ao dr. M., um amigo comum.

Depois de descrever o sonho propriamente dito, Freud destaca a evidente relação entre o sonho e a informação preliminar, encadeando os “acontecimentos do dia anterior” ao conteúdo onírico e ao seu tema. Ele diz, por exemplo: “A notícia que recebi de Otto sobre o estado de Irma e o histórico clínico que fiquei escrevendo até tarde da noite ocuparam minha atividade psíquica também durante o sono” (FREUD, 1900, p. 129).

A análise do sonho apresentada por Freud descreve elementos únicos, dando a ver qualidades perceptivas singulares. Assim, o sonho de Irma leva-o à constatação de que “o sonho realmente tem um sentido e de forma alguma é a expressão de uma atividade cerebral



fragmentada”; Freud indica ainda que existem aspectos relativos ao sonho que ele próprio desconhece: “Apesar disso, ninguém que tivesse tomado conhecimento da informação preliminar e do conteúdo do sonho poderia imaginar o seu significado. Eu mesmo não o conheço” (FREUD, 1900, p. 142). Assim, ele anuncia a continuidade do estudo dos sonhos, abordada nos próximos capítulos.

Com esse texto, ao destacar a singularidade presente no significado e no sentido dos sonhos, o fundador da psicanálise vai inscrevendo o método da clínica psicanalítica, pensando uma interlocução de sua clínica com a cultura de seu tempo. Além disto, neste capítulo, o psicanalista também esboça uma demonstração de que assim como o sintoma, o sonho é uma das formações do inconsciente, bem como é possível perceber o embrião do que se formalizará como regra fundamental da psicanálise.

Recebido em 31/10/2023

Aceito em 05/08/2023